

Faculdade de Ciências
Universidade de Lisboa
História e Filosofia da Educação

Manhã Submersa

Luís Martins e Susana Ramos
2000/2001

Agradecemos à colega Maria da Conceição Salgueiro Baptista cujo trabalho, realizado no ano lectivo de 1998/99, tivemos oportunidade de consultar

Ficha Técnica

Realização: Lauro António

Argumento: adaptação do romance de Vergílio Ferreira com o mesmo nome

Montagem e Produção: Lauro António

Director de produção: Leonel Brito

Adaptação e Diálogos: Leonel Brito

Director de Fotografia: Elso Roque

Anotadora: Olívia Varela

Operadores de Câmera: Vitor Estevão
Pedro Mira

Assistentes de Imagem: Adão Gigante
José Tiago

Directores de Som: Carlos Alberto Lopes

Operador de Som: Filipe Santos

Sonoplastia: Raúl Ferrão
Melo Cardoso

Laboratório de Som: Nacional Filmes

Assistente de Realização: Mário Damas Nunes

Assistente de Cena: Teresa Pinto
Ana Guerreiro

Assistente de Montagem: Leonor Guterres

Assistente de Produção: Rui Cadina
João Garção

Américo Oliveira

Secretárias de produção: Liliana Sousa
Maria João Rodrigues

Música: Guissepe Verdi: "Requiem",
"La Forza del Destino"
"Quattro Pezzi Sacri"

Cantos Gregorianos: "Marco do Correio" na voz de
Alberto Ribeiro

Misturas: Luís Barão (nos estúdios de Nacional Filmes)

Genérico: SOTEXTO/Carlos Gaspar

Chefes electricistas: João de Almeida
Carlos Sequeira

Illuminadores: João Mourão
Francisco Brano

Ajudante de iluminista: Manuel Romualdo
Francisco Faria
Jorge Mota

Maquinista: Vasco Sequeira

Colaboração no cenário de Teatro: Judite Cília

Laboratórios de Imagem: Tobis Portuguesa

Cor: A cores

Cópia: 35 mm

Duração: 127 m

Distribuído por: Filmes Lusomundo

Subsidiado pelo: Instituto Português de Cinema

Ante-Estrea: Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz, 1980

Estreia: Cinebloco e Quarteto, 17 de Outubro de 1980

Interpretes:

1. Na Serra:

<i>António</i>	Joaquim Manuel Dias
<i>D. Estefânia</i>	Eunice Munõz
<i>Sr. Capitão</i>	Miguel Franco
<i>Dr. Alberto</i>	José Severino
<i>Carolina</i>	Maria de Lurdes Martins
<i>Mariazinha</i>	Alexandra do Prado Coelho
<i>Joana</i>	Maria Olguim
<i>Mãe de António</i>	Adelaide João
<i>Tio Gorra</i>	Rui Luís
<i>Aldeã</i>	Fátima Murta
<i>Outros</i>	povo de Linhares

2. No Seminário:

<i>Reitor</i>	Vergílio Ferreira
<i>Padre Martins</i>	Jacinto Ramos
<i>Padre Tomás</i>	Canto e Castro
<i>Padre Alves</i>	Joaquim Rosa
<i>Padre Fialho</i>	Jorge Vale
<i>Padre Lino</i>	Carlos Wallenstein
<i>Padre Pita</i>	José Camacho Costa
<i>Padre Cunha</i>	António Santos
<i>Criado</i>	Manuel Cavaco
<i>Mão Negra</i>	António Marques Silvestre

3. Colegas seminaristas:

<i>Gaudêncio</i>	Bruno Vasconcelos Beltrão
<i>Gama</i>	Vitor Manuel Candeias
<i>Amilcar</i>	Carlos Alberto Macedo
<i>Florentino</i>	Luís Almerino
<i>Peres</i>	Hugo César de Matos Ferreira
<i>Taborda</i>	Carlos Dias da Silva
<i>Tavares</i>	Rui de Oliveira Duarte
<i>Outros</i>	António Luís Sequeira Magina Jorge Manuel Da costa Fernandes Miguel da Costa Fernandes Miguel Sérgio Bernardino

Prémios

- 🏆 ***Grande Momento* do Festival de Cannes**
- 🏆 **Trofeu *Nova Gente* para Melhor Filme do Ano e Melhor Actriz**
- 🏆 **Seleccionado para o *Oscar* de Melhor Filme Estrangeiro**
- 🏆 **Prémio *Feminae* do Festival de Cinema da Figueira da Foz**

O Realizador

Dados biográficos:

Lauro António de Carvalho Torres Corado nasceu em Lisboa a 18 de Agosto de 1942. Licenciado em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, “é portador de uma vasta bibliografia de crítico, historiador e ensaísta de cinema, em livros publicados e artigos em grande número de jornais e revistas.” (Afonso, Guilherme, 1981. *Breve história do cinema português*, Instituto Nacional do Cinema.)

Foi dirigente cineclubista desde 1963, dedicando-se, a partir daí, sempre ao cinema. Dirigiu Ciclos de Cinema da Casa da Imprensa de Lisboa de 1966 a 1971 e em 1977 e o primeiro Festival do Filme Didáctico da Associação de Estudantes de Ciências de Lisboa, em 1964. De 1974 a 1978, colaborou com a radiotelevisão portuguesa em programas de cinema tendo como actividade paralela a direcção de programação do estúdio Apolo 70. Destacou-se ainda como crítico de cinema em vários jornais, revistas e outras publicações, como director e organizador de cursos de cinema, de revistas e de festivais nacionais e estrangeiros. Foi coordenador do grupo de trabalho do Ministério de Educação que introduziu o cinema em todos os níveis do ensino em Portugal (1991) e responsável pela edição de vídeos e brochuras distribuídos às escolas pelo Ministério. Foi director do primeiro e segundo Festival de Escolas de Vídeo (1993-1995) e do Festival Internacional de Viana do Castelo e do Cine Eco 95. Conselheiro para a área do Cinema na TVI desde a sua fundação. Autor e apresentador do programa “Lauro António Apresenta...” na mesma estação de televisão. No ano lectivo de 1994-1995 foi professor do Instituto Politécnico do Porto, onde leccionou as cadeiras de Argumento e Linguagem Audiovisual e de Produções e Realização, do curso de Tecnologias de Comunicação Audiovisual.

Publicações:

Cinema e Censura em Portugal, Lisboa, Arcádia, 1977
Lauro António Apresenta..., Lisboa: edições Asa, 1994

Filmografia:

Grande, Grande Era a Cidade, 1972 (colaboração no filme de Rogério Ceitil, ainda inédito em Portugal)

Vamos ao Nimas, 1974 (curta-metragem, p/b, 35 mm, 18m)

O Zé-Povinho na Revolução, 1978 (curta-metragem, cor, 35mm, 18m)

Manhã Submersa, 1978 (longa metragem, cor, 35 mm 129m)

A Paródia, 1986/87 (série de 16 episódios documentais para a RTP, em 16 m, cor, 30m/média).

Vergílio Ferreira

Dados Biográficos

Vergílio Ferreira nasceu em Melo, Gouveia, no dia 28 de Janeiro de 1916. Filho de António Augusto Ferreira e Josefa Ferreira, cedo se viu privado da presença dos pais, que emigraram para os Estados Unidos quando tinha quatro anos. Ficou, juntamente com seus irmãos, ao cuidado de duas tias maternas.

Quando tinha dez anos, e após uma peregrinação a Lourdes, entrou para o Seminário do Fundão, onde chega a fazer teatro, de 1926 até 1932. Licenciou-se em Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (1940). Foi professor liceal de filosofia em Faro, Bragança, Évora e Lisboa. Antes da sua estreia literária, em 1943, com o romance "O caminho fica longe", escreveu diversos poemas que não chegaram a ser editados.

Em 1946 casa-se com Regina Kasprzykowsky. Partindo do neo-realismo e da proximidade política ao PCP, evoluiu para o existencialismo e para o combate contra a ditadura salazarista e, ao mesmo tempo, contra o monopólio cultural do Partido Comunista.

Ficcionista e pensador, entre as suas obras destacam-se "**Manhã Submersa**" (1953), "*Aparição*" (1959), "*Para Sempre*" (1983), "*Até ao Fim*" (1987, romance que recebeu o Grande Prémio da APE) e o Diário, sob o nome de "*Conta Corrente*", cujo primeiro volume se publicou em 1981.

No dia 1 de Março de 1996, foi encontrado morto, debruçado sobre a sua secretária, em Lisboa. Tinha 80 anos. Morreu vítima de um ataque cardíaco, enquanto escrevia "*Cartas a Sandra*". Foi sepultado em Melo, "virado para a serra", como sempre desejou. A última obra, mesmo inacabada foi publicada no ano da sua morte.

É considerado um dos mais importantes romancistas portugueses do século XX.

Obras de Vergílio Ferreira

FICÇÃO

O Caminho Fica Longe (1943), *Onde Tudo Vai Morrendo* (1944), *Vagão* (1949), *A Face Sangrenta* (1953), *Manhã Submersa* (1953), *Aparição* (1959), *Cântico Final* (1960), *Estrela Polar* (1962), *Apelo da Noite* (1963), *Alegria Breve* (1965), *Nítido Nulo* (1971), *Apenas Homens* (1972), *Rápida, a Sombra* (1974), *Contos* (1976), *Signo Sinal* (1979), *Para Sempre* (1983), *Uma Esplanada sobre o Mar* (1986), *Até ao Fim* (1987), *Em Nome da Terra* (1990), *Na tua Face* (1993), *Cartas a Sandra* (1996).

ENSAIO

Sobre o Humorismo de Eça de Queirós (1943), *Do Mundo Original* (1957), *Carta ao Futuro* (1958), *Da Fenomenologia a Sartre* (1963), *Interrogação ao Destino, Malraux* (1963), *Espaço do Invisível I* (1965), *Invocação ao meu Corpo* (1969), *Espaço do Invisível II* (1976), *Espaço do Invisível III* (1977), *Um Escritor Apresenta-se* (1981), *Espaço do Invisível IV* (1987).

DIÁRIO

Conta-Corrente I (1980), *Conta-Corrente II* (1981), *Conta-Corrente III* (1983), *Conta-Corrente IV* (1986), *Conta-Corrente V* (1987), *Pensar* (1992), *Conta-Corrente I - Nova Série* (1993), *Conta-Corrente II - Nova Série* (1993), *Conta-Corrente III - Nova Série* (1994), *Conta-Corrente IV - Nova Série* (1994).

Resumo do filme

Adaptação do romance de Vergílio Ferreira, "*Manhã Submersa*" o filme realizado por Lauro António descreve o despertar para a vida de uma criança, entre a austeridade da casa senhorial de D. Estefânia, a neve e a sensualidade da sua aldeia natal e o silêncio das paredes do seminário.

Um jovem seminarista de doze anos, António Lopes, é pressionado a frequentar o seminário. O filme desenrola-se depois ao redor das vivência e sentimentos que o jovem seminarista vai experimentando. Naquele ambiente negro, triste, ríspido e severo do seminário, o jovem descobre-se e descobre o mundo que o rodeia: a repressão na educação, a pobreza da sua terra, as desigualdades sociais, o desejo do seu corpo em formação, a camaradagem, a amizade, o amor.

É uma obra poderosa oscilando entre a luz e as sombras, uma luta entre o corpo e o espírito em que o corpo acaba por ser mutilado em nome da libertação do espírito.

Momentos do filme

1º Momento - Viagem até à estação

Viagem até à estação de comboios do jovem António Lopes numa carroça acompanhado de um senhor com alguma idade. O comboio queo levará ao seminário chega apitando e fumegando.

2º Momento - Chegada ao seminário

Chegada ao seminário, um edifício alto e sombrio, que transmite uma sensação de frieza e austeridade. Os meninos que acabam de chegar ao seminário sobem umas escadas bastante inclinadas, de forma ordenada e silenciosa. São depois encaminhados até ao dormitório: uma camarata com diversas cama com lençóis e um pequeno cobertor para cada um. Os rapazes arrumam os seus pertences sobre o olhar atento dos Prefeitos, sempre em silêncio. António fica numa cama junto à janela.

Na primeira noite António deita-se com a perna de fora do lençol. Um Prefeito que passa por perto dá-lhe uma palmada na perna dizendo-lhe: “Menino seja decente!”. O acordar no dia seguinte é feito muito cedo ao som de um bater vigoroso e de palmas do Padre Tomás. Os meninos levantam-se e, de forma ordenada, dirigem-se para o lavatório que tem apenas o indispensável. De seguida são-lhes entregue as batas (uniformes) que devem usar no seminário.

3º Momento - a primeira aula

Os alunos alinham-se à entrada da sala em duas filas. Segue-se a chamada. Cada aluno recebe a indicação do lugar fixo que daí em diante deverá sempre ocupar.

4º Momento - Refeitório

A refeição realiza-se num refeitório, em que todos estão a comer em silêncio. Em simultâneo com a refeição, um Prefeito passeia pelos corredores entre as mesas lendo a bíblia em voz alta.

5º Momento - Os figos

À noite, no dormitório, António Lopes aproveita o facto do Padre ter terminado a inspecção para comer alguns géneros alimentares que trouxera de casa.

6º Momento- Conversa entre amigos

Conversa entre Gaudêncio, António Lopes e Gama que se apresentam uns aos outros. Gaudêncio desabafa que está triste e que gostaria de voltar para casa. O Padre Canelas ouve a conversa, aproxima-se e diz a Gaudêncio que passe mais tarde no seu quarto.

7º Momento - A recolha dos alimentos clandestinos

Na sala de aula, António pergunta a Gaudêncio como foi a conversa com o Padre Canelas. O Padre Martins entra de repente na sala de aula e ordena a todos os seminaristas que tenham consigo comestíveis de qualquer espécie, o favor de os irem buscar e entregar imediatamente. António Lopes recusa entregar os seus preciosos figos.

8º Momento- Missa de recepção aos novos seminaristas

Na missa de boas vindas aos novos seminaristas, algumas frases são proferidas em Latim. O discurso apela à honestidade e à pureza do coração de cada um, pois uma vez puros no coração serão também puros no corpo e alma. É-lhes dito que foi Deus quem os escolheu para estarem ali, que é uma benção o facto de ali estarem, que devem meditar na graça infinita do Senhor que os escolheu para serem mensageiros de Deus na Terra.

9º Momento- A carta

Numa aula, é concedida a autorização aos alunos para escreverem à família. António escreve dizendo que tem saudades da sua terra, que se sente sozinho naquela “casa tão escura e tão grande”, que está com muitos meninos como ele mas não podem falar uns com os outros. Quer ir-se embora. António termina a redacção e fecha a carta. Ao entregar a carta ao Padre Martins este diz-lhe que toda a correspondência tem de ser entregue aberta. Perante isto, António hesita em entregar a cara que havia escrito mas é obrigado a fazê-lo pelo Padre Martins. Dias depois é chamado ao gabinete do Srº Reitor.

10º Momento - Conversa com o Sr. Reitor

O Reitor pergunta-lhe se se sente bem no seminário e se é bem tratado. António responde que o têm tratado muito bem e que se dá igualmente bem com todos os padres, mas confessa que tem saudades de casa. O Reitor responde-lhe: “ Nenhum sofrimento pode apagar o benefício de Deus. Saudades e tudo o mais que se quiser são nada ao pé de uma graça divina. Deus baixou sobre o menino a graça do sacerdócio. Deus tirou-o da miséria, da desgraça e da condenação eterna”. Diz-lhe também que o sacerdócio é a única forma de alcançar a salvação eterna. Depois do discurso, o reitor pergunta a António se continua a desejar ir para a sua casa. António responde que não. O reitor termina a conversa com António

pedindo-lhe que reze a Deus para o livrar das más tentações. António agradece a bondade do Reitor e a conversa que teve com ele.

11º Momento- A segunda carta

António escreve nova carta à sua mãe dizendo-lhe do quanto gosta de ali estar apesar de sentir saudades de casa e de todos. Sabe que têm de as vencer pois são obra do Demónio.

12º Momento - Formação dos exércitos

Na aula de latim é proposto um jogo que consiste na formação de dois exércitos. Cada exército tem um chefe máximo que escolhe quais os membros que constituem a sua equipa e qual a posição de cada um dentro do exército. O Padre Lino explica que cada um deve defender a sua posição e que podem desafiar membros superiores do seu exército ou membros do mesmo posto do exército adversário. Cada exército escolhe um santo patrono. António Lopes fica com a posição de segundo soldado.

13º Momento - A penitência

No decorrer de uma aula, o Padre Tomás entra desenfreado, puxa o Tavares para o estrado e obriga-o a ficar de joelhos durante uma hora como penitência.

14º Momento - O primeiro desafio entre exércitos

Carlos Pereira desafia Florentino, sendo escolhido para juiz o Tavares. Pereira inicia o rol de perguntas a Florentino que não tem uma prestação muito brilhante.

António Lopes rascunha num calendário, apontando e contando os dias que faltam para as férias mais próximas.

15º Momento - Conversa entre António e Gama

Gama desabafa com António perguntando-lhe se gosta de andar no seminário. António, cauteloso, olha para o lado verificando se ninguém está por perto, com receio que os oiçam. Responde negativamente tal como Gama. Este diz que vai tentar outra vez convencer sua mãe que não tem vocação para ser padre.

16º Momento - Regulamento interno

Numa aula, o Padre Martins dá directivas de como se devem comportar no seminário, lendo todas as normas do regulamento. Algumas das normas citadas são: “proibição de amizades e familiaridades”, “proibição de se tocarem uns aos outros”, “proibição de troca de papéis para estabelecer comunicação”.

17º Momento - Peça de teatro

Como despedida para férias os seminaristas interpretam uma peça de teatro, simbolizando o Inferno e o Céu. Depois da peça, o Padre Martins faz recomendações aos seminaristas, alertando-os para os perigos a que ficarão expostos fora das paredes do seminário.

18º Momento - Chegada à aldeia

Chegaram as férias. António vai de autocarro com Gaudêncio. Chega a casa de D^a Estefânia. Mariazinha, filha de D^a Estefânia, pergunta-lhe quando é que ele canta na missa. António cumprimenta o Sr^o Doutor, filho de D^a Estefânia. Recebe ordens para comer na cozinha. Só no ano seguinte poderá comer na sala com os senhores.

19º Momento - Ida à missa

D^a Estefânia veste-se e pede a António que se despache pois vão à missa. Depois da missa, D^a Estefânia fala com o Padre da aldeia dizendo-lhe que António pode ir à missa todos os dias e a todas as cerimónias, “garanto-lhe que enquanto ele estiver em minha casa, não há-de faltar”. D^a Estefânia não permite que António visite a mãe e a família pois alega que esta só dá maus exemplos. António vê a mãe à porta de casa, por escasso segundos.

20º Momento - Visita à casa da mãe

Durante o percurso para a casa de sua mãe, António é apupado por alguns rapazes da aldeia. Quando chega à casa da mãe, António dá reбуçados aos irmãos e fica sujeito às perguntas do tio Gorra, sobre o latim, sobre quanto ganha um padre, etc. A mãe conforta-o e diz-lhe para não ligar à conversa do Tio. António volta para casa de D^a Estefânia.

21º Momento - A presença de Carolina

António está na cozinha a comer e repara nos seios da Carolina. Mais tarde espreita Carolina no pomar.

22º Momento - Conversa com D^a Estefânia

D^a Estefânia repara que António anda triste e pede-lhe que vá ter com ela à sala. Diz-lhe que é natural a sua tristeza pois vai separar-se da família. Lembra-lhe que muitos são os chamados e poucos os escolhidos e que ele será escolhido se Deus quiser. D^a Estefânia confessa que andou a pensar se, realmente, ele teria vocação para padre e que, inclusivamente, tinha falado disso com o Padre da aldeia. D^a Estefânia acaba por perguntar a António se tem ou não vocação para padre. António aproveita a ocasião e confessa que não tem vocação. D^a Estefânia fica surpreendida e chocada, reprende-o severamente, humilha-o e acaba por ameaçar expulsá-lo de casa. Ao fim de algum tempo D^a Estefânia volta à sala

e pergunta-lhe se já reflectiu melhor. António diz que sim e que afinal tem vocação. D^a Estefânia fica aliviada dizendo-lhe que rezará ao Senhor para que Ele o livre das más tentações. Por fim D^a Estefânia avisa-o que de hoje em diante ele comerá na sala com os senhores.

23º Momento - *Regresso ao seminário*

António e Gaudêncio voltam para o seminário.No refeitório, comem completamente em silêncio. Estão constantemente a ser vigiados pelos seus superiores.

24º Momento - *A aula de língua*

O Padre pede-lhes que escrevam uma redacção sobre uma manhã de primavera. Posteriormente, pede a António Lopes que leia a sua redacção. De imediato o interrompe dizendo-lhe que ele ainda não sabe explorar as potencialidades poéticas da escrita. Pede a Amílcar que leia a sua redacção como exemplo.

25º Momento - *A fuga*

Todos os alunos são chamados à igreja. O Reitor profere um discurso dizendo que o seminário não é nenhuma prisão e que se preferirem os prazeres do mundo e sujar as mãos com os crimes mundanos são livres para tal. O discurso teve por base a expulsão de dois seminaristas que haviam tentado fugir durante anoite. António conversa depois com Gama que lhe explica o que sucedeu e lhe diz que um dia também ele irá fugir mas sem se deixar apanhar.

26º Momento - *O “Mão Negra”*

O Padre Martins passa todo apressado com um bilhete na mão. Gaudêncio e António ficam curiosos. Tratava-se de uma ameaça anónima de atear fogo ao seminário. Diz-se que a ameaça tinha sido feita pelo “Mão de Negra”.

27º Momento - Gama é desmascarado

Descobrem que Gama é o autor dos bilhetes ameaçadores e que foi ele quem lançou fogo ao seminário. Gama é expulso do seminário. Fazem um inquérito aos amigos de Gama que tenham más notas em comportamento. Gama afirma que fez tudo sozinho.

28º Momento – A tristeza de António

O Padre Alves chama António à sua presença. Tem reparado que o rapaz anda triste e pergunta-lhe a causa da sua tristeza. Pergunta a idade, diz-lhe que é quase um homem e avisa-o dos “perigos” que aí vêm. Manda-o falar com o seu conselheiro espiritual pois aproxima-se a idade do “desejo do sonho”, das “obras do demónio”.

29º Momento - Conversa com o conselheiro

O Padre Fialho conversa com António e pergunta se tem sentido tentações do demónio. António responde-lhe que apenas tem saudades da mãe e dos irmãos e do seu amigo Gama que foi expulso. O Padre Fialho pergunta a António se tinha desejo pelo Gama como se sente desejo por uma mulher. António diz-lhe que não, mas que já sonhou com Carolina e com a Mariazinha. O padre diz-lhe que tem que combater as tentações do demónio: encontrar posições incómodas, por as mãos fora da cama, usar roupas largas, encher a mente e o espírito com pensamentos religiosos.

30º Momento - Aula de História

O Padre interroga Tavares sobre os territórios coloniais de Portugal.

31º Momento- O Passeio

Passeio pelo campo.

32º Momento- Conversa com Gaudêncio

Gaudêncio mostra uma revista com imagens femininas a António. Este tenta resistir à tentação de olhar e joga a revista para o chão. O Padre que ia a passar apanha a revista. António tenta desculpar-se mas é em vão. Todos os seminaristas são chamados formando uma fila. O Padre Martins arranca a fita de bom comportamento do pescoço de António. António confessa a Gaudêncio que quer sair do seminário.

33º Momento-Castigo de António

António é severamente castigado com uma régua de madeira.

34º Momento - Férias

António vai de férias. O Tio Gorra é o único que se encontra à sua espera. Depois surge Carolina com D^a Estefânia.

35º Momento -Jantar em casa de D^a Estefânia

À hora do jantar, todos esperam pelo Dr^o Alberto para começar a comer. Este chega e faz muitas perguntas a António sem no entanto manifestar qualquer espécie de interesse pelas suas respostas.

António tem a infelicidade de lhe saltar um bocado de carne do prato para a mesa. D^a Estefânia pergunta se no seminário não o ensinam como se comportar à mesa.

Dr^o Alberto faz-lhe uma pergunta sobre um verbo em latim e António não é capaz de responder. Este humilha-o impiedosamente.

36º Momento- Drº Alberto e Carolina

António vê o Drº Alberto ter relações sexuais com Carolina. Assustado corre para o jardim.

37º Momento - Conversa com a mãe

António vai ai a casa da mãe dizendo-lhe que não quer voltar para o seminário. A mãe responde-lhe agrestamente: “que sabes tu da vida?”. Diz-lhe que tem sido toda a vida uma “cadela” , cheia de fome e de trabalho, e que se ele fosse padre poderia ter uma boa velhice e os irmãos uma boa vida. Que sempre tinha sonhado ter um filho padre para poder conviver com “as beatas ricas”. António torna a dizer que não quer ser padre, que quer ser homem e arranjar mulher.

38º Momento- Conversa entre António e Gaudêncio

De regresso ao seminário, António conversa com Gaudêncio. Ambos confessam que as suas mães não os deixaram sair do seminário. Gaudêncio pergunta a António se ele nunca pensou se Deus poderia não existir. António fica escandalizado: como pode ele pensar tal coisa?

39º Momento- Doença no seminário

Alguns seminaristas queixam-se de frio, têm arrepios e são enviados para a enfermaria. António aproveita para dizer que também que se sente doente. Isso permite-lhe acompanhar Gaudêncio que está realmente doente. A enfermaria está cheia. Os dois amigos têm que ir para as camaratas. Entretanto, os seminaristas que não estão doentes são enviados para casa. António arrepende-se de ter dito que estava doente. Gaudêncio piora de dia para dia.

40º Momento - A morte de Gaudêncio

Gaudêncio morre. António vai à enfermaria e o Padre Alves diz-lhe que Gaudêncio já está perante Deus. António chora silenciosamente e reza pelo seu falecido amigo. Segue-se o funeral.

41º Momento - Festa de aniversário

No dia de anos do Drº Alberto, António lança foguetes e Mariazinha brinca com ele. Dª Estefânia pede a Mariazinha que não brinque com os foguetes pois são perigosos. Enquanto António lança os foguetes mutila-se de propósito ficando sem uma mão. Deste modo não volta para o seminário.

42º Momento - Conversa com a mãe

A mãe lamenta-se e chora à beira da cama do filho. Só agora compreende a sua determinação em não querer ser padre e lamenta que tenha sido necessário tamanho sacrifício.

Elementos de análise do filme

O Seminário

O seminário é apresentado como um **edifício** austero, de linhas direitas, situado no cimo de uma colina. Lá dentro vivem homens de mentalidades muito rígidas que tentam, a todo o custo, formar os pequenos homens ali depositados pelos seus pais.

Os jovens têm de enfrentar uma **disciplina** rígida e desumana. É proibido pelo regulamento interno, qualquer tipo de diálogo, amizade pessoal ou conversa entre seminaristas. Há todo um regime de **castigos** humilhantes em vigor tais como: estar de joelhos, repreensão pública, violação da correspondência.

(...) Tirei do bolso a minha fita verde com uma medalha verde e deitei-a ao pescoço. Lento, mas a passo firme, o Padre Tomás avançou então para mim. (...) Vi erguer-se-me desde baixo, devagar, a mão do Padre Tomás, até à altura da medalha. Depois vi-a segurar os dois braços da fita e parar um instante, no extremo limite de execução, como para me conceder que eu me sentisse ainda vivo pela última vez. E finalmente, com um puxão brusco, o Padre Tomás arrancou-me a fita do pescoço." (in FERREIRA, Vergílio, Manhã Submersa, Lisboa: Bertrand, 2000)

A Camarata

As camaratas, com as camas todas iguais e dispostas geometricamente, estão também sob constante **vigilância**. Os jovens despem-se e vestem-se debaixo da roupa da cama, para que não verem o seu próprio corpo. Não podem falar uns com os outros. O **Regulamento interno** está sempre a ser

relembrado e qualquer desrespeito pelo mesmo pode ser sinónimo de humilhação ou expulsão.

O Refeitório

No refeitório apenas se ouvem as **passagens da bíblia** lidas por um dos padres e o ruído dos talheres e do relógio de parede. Até enquanto comem, as crianças estão a ser “educadas”.

A sala de aula

Apesar de serem amplas e cheias de luz, o ambiente é extremamente fechado e escuro, pairando sempre no ar a figura repressiva do professor, em cima do estrado.

A sala está disposta em **filas ortogonais**, com carteiras individuais. O “diálogo” é apenas unilateral, do professor para o aluno. As estratégias de ensino passam sobretudo pela memorização e são padronizadas.

O episódio de Padre Tomás e do Valério bem como a **formação dos exércitos** na aula de latim, demonstram o ambiente que se vivia no seminário. O primeiro ilustra o clima de rigidez, de vigilância constante e latente, e é testemunho da agressão moral e física dos adultos sobre os alunos. O segundo sublinha o ambiente de competitividade, conflito e hostilidade que Padre Lino acaba por instaurar entre os rapazes.

“Tratava-se de constituir dois exércitos ou dois partidos que vão combater entre si (...). Os dois cabeças de partido, os dois «generais», eram eleitos por escrutínio secreto.(...)”

Cada aluno que deseje subir de posto pode desafiar qualquer outro de um posto superior do mesmo exército. O de um posto superior não pode desafiar o de posto inferior. Mas pode desafiar o que tem posto igual no exército adversário.”

Na próxima aula de Latim já haverá desafios. Quem quiser desafiar alguém, escolhe o seu adversário por escrito.(...)”

(in FERREIRA, Vergílio, Manhã Submersa, Lisboa: Bertrand, 2000)

Nesta actividade, altamente competitiva, são registados apenas os erros que os alunos cometem e nunca as suas respostas acertadas. O objectivo é a humilhação dos mais fracos pelos mais fortes.

O despertar da sexualidade de António



Através da personagem de António, Vergílio Ferreira não deixa de recordar o despertar da vida sexual na puberdade, as perturbações físicas que assaltam o jovem, o sentimento de desconforto moral e a convicção de viver permanentemente em pecado que o seminário incute através de veladas e maliciosas conversas dos perfeitos.

A Vocação de António



António não tem vocação sacerdotal. Vai tomando consciência deste facto à medida que começa a pressentir a solidão da vida de um padre e a sentir a recusa total do seu ser perante essas sombrias perspectivas de futuro. Todavia, sempre

que manifesta a sua convicção provoca reacções violentas e mordazes, quer em D^a Estefânia, que não lhe reconhece o direito a uma opinião e que, quando contrariada, o ameaça violentamente, quer na própria mãe que o pressiona, através de chantagem emocional.

Impotente perante as pressões, consciente da certeza da sua falta de vocação, só lhe resta refugiar-se na solidão e instalar-se na angústia, que o atormenta durante o dia e lhe tira o sono durante a noite.

Na monotonia e na estagnação diária da vida de António, dois factos se destacam. Gaudêncio arrisca uma dúvida sobre a existência de Deus. António tem uma reacção violenta que ele próprio não sabe explicar. Por fim, o funeral do amigo.

"Atrás de mim, como um arrastar de correntes, o canto pesado não cessava. (...) Por cima, na radiação fixa do céu, petrificava-se a face de todos os terrores da minha infância."

(in FERREIRA, Vergílio, Manhã Submersa, Lisboa: Bertrand, 2000)

Após a hipocrisia da homenagem a Gaudêncio, desperta em António uma vontade inflexível de abandonar o seminário. O lançamento de bombas e foguetes na festa do Dr. Alberto oferecem-lhe a ocasião.

A mutilação voluntária liberta-o para sempre de um destino a que parecia definitivamente condenado.

Anexos

1. Como foi feito o filme “Manhã Submersa”

Durante a escrita da adaptação e a preparação da rodagem de *Manhã Submersa*, o realizador Lauro António, teve do escritor Vergílio Ferreira, e passamos a citar: *“uma colaboração que julgo exemplar neste tipo de empreendimento. Desde logo o escritor aceitou regras de convivência paradigmáticas: seu era o livro, meu o filme e para o realizar dispunha de inteira liberdade. Nunca se impôs ao longo deste trabalho. Mas esteve sempre disponível para uma troca de impressões, uma informação, uma precisão.”*

Uma pequena equipa partiu para a Serra da Estrela para visitarem os locais referenciados na obra de Vergílio Ferreira. Melo, terra de origem do escritor, foi substituída por **Linhares da Serra**, apenas a alguns quilómetros de distância do local inicialmente previsto. Melo, terra referenciada por Vergílio no romance, como sendo a aldeia em que nascera e vivera o protagonista, era uma aldeia deformada pelas construções dos emigrantes, enquanto que Linhares, envolta com a mesma paisagem e praticamente intacta nos seus contornos medievais, oferecia um cenário com um castelo e uma igreja no cimo da montanha.

Quanto ao **seminário**, do verdadeiro, pouco restava dele, “a não ser uma carcaça ocupada por *retornados* recém-regressados das colónias”. Vergílio Ferreira descreveu com pormenor o espaço interior dessas ruínas: indicou onde eram as camaratas, a cozinha, o refeitório, as casas de banho... Mas, a dificuldade de restaurar o antigo convento era enorme. O realizador optou então por filmar em camaratas abandonadas da secção da Madre Deus da Casa Pia de Lisboa.

A **adaptação do romance** para filme levantou alguns problemas. O romance surge como uma evocação, enunciada na primeira pessoa do singular, assumindo-se como uma longa confissão. Em linguagem filmica, frases como “*sinto-me triste*”, “*sinto-me só*”, “*tenho saudades*”, tiveram de ser substituídas por imagens e sons que transmitissem ao espectador as sensações descritas no romance.

Um outro problema diz respeito ao modo de recriar a **atmosfera** do romance, uma atmosfera opressiva, quase sufocante que, mais do que o clima de um seminário, retratava o clima do país nos anos 40. Lauro António escolheu claustros frios, escadarias majestáticas, gradeamentos de ferro, colunas de pedra que literalmente *enjaulavam* as personagens.

Foi portanto necessário criar um cenário para transmitir as emoções evocadas no romance. Feita esta simbiose foi necessário extrair do romance as **sequências essenciais**, condensando algumas e ampliando outras, fazendo mesmo alterações. O cinema implica uma escrita diversa, uma narrativa completamente diferente da narrativa literária.

Lauro António obteve a disponibilidade exemplar do romancista Vergílio Ferreira para interpretar uma das principais personagens da versão cinematográfica da sua obra.

Foi pedido ao escritor que revivesse a sua própria história, mas invertendo os papéis: “passasse de vítima a carrasco”. Vergílio Ferreira não iria representar-se a si próprio, mas interpretar uma figura diferente, precisamente aquela de que ele mais se afastara na sua vida real, aquela que é a mais criticada no seu romance.

2. Lauro Ant3nio sobre o filme

“Nunca andei num semin3rio, nem em col3gios internos, a 3nica experi3ncia concentracion3ria que possuo foram seis meses de recruta na tropa. Mas, desde adolescente, que estes ambientes fechados, onde tudo 3 poss3vel, me horrorizaram. A leitura do romance *Manh3 Submersa* de Verg3lio Ferreira, quando era muito novo fascinou-me, no entanto, para descrever com precis3o e rigor esse clima, da mesma forma que nele vi um retracto mais vasto, de uma sociedade, de um pa3s que ent3o vivia os rigores de uma ditadura e tentar castrar o desejo com um paternalismo d3spota. Por isso, quando pude fazer o meu primeiro filme, escolhi este romance com o qual me identificava integralmente, que gostaria mesmo de o ter escrito.

De resto, o projecto corresponde a um desafio que a mim pr3prio impus. Com cerca de cinco mil contos para rodar o filme que obrigava a uma certa reconstitu3o hist3rica, que mobilizava muitas crian3as, que jogava com um grande n3mero de actores, que diversificava locais de filmagem, que imponha uma linha ficcionista a rondar o melodrama (e que nele se procurava afastar pelo rigor da escrita e a neutralidade da mise-en-sc3ne), tudo isto eram elementos que gostaria de saber dominar.

O resultado a3 est3, integralmente produzido e trabalhado com recursos portugueses, do texto base 3 c3pia final, dos actores aos t3cnicos. A quest3o essencial, hoje em dia, ser3 saber se 3 poss3vel um cinema portugu3s. Esta 3 apenas mais uma contribui3o.” (***Panorama do Cinema Portugu3s, 1980. Cinemateca Portuguesa, Lisboa***)

Bibliografia

ANTÓNIO, Lauro, Manhã Submersa; Lisboa: Filmes Lusomundo.

CINTRA FERREIRA, Manuel. *Manhã Submersa* in textos CP, pasta 46 e 54: 179-180 e 677-678, respectivamente.

FOUCAULT, Michel - *os corpos dóceis e O panoptismo*, in Vigiar e Punir, Petrópolis: Vozes, 1989, pp. 125-204.

GONÇALVES, Teresa Alves Duarte, Manhã Submersa (Texto policopiado): o Romance e o Filme, Tese de mestrado em Literatura Comparada, Universidade de Lisboa, 1995.

FERREIRA, Vergílio - Manhã Submersa, Lisboa: Bertrand, 2000.